

Nuances da Glória: uma interpretação teológica de 1 Coríntios 10.31

*Willian Vitor Orlandi*¹³³

Resumo: O propósito deste artigo é fazer uma leitura teológica de 1 Coríntios 10.31. A hermenêutica teológica, não sendo uma imposição a priori de um sistema teológico específico sobre o texto, busca através do uso de todas as ferramentas disponíveis, explicitar a teologia pressuposta no texto em análise. Portanto, analisaremos três dimensões de 1 Coríntios 10.31: 1. A dimensão linguístico-textual (levando em conta a morfossintaxe, a retórica e o contexto da passagem em sua função discursiva); 2. A dimensão teológica (explicitando os pressupostos paulinos) e; 3. A dimensão prática (discernindo os atos ilocucionários de Paulo nessa passagem).

Palavras-Chave: Glória. Deus. Paulo. Hermenêutica. 1 Coríntios.

Abstract: The purpose of this article is to make a theological reading of 1 Corinthians 10:31. Theological hermeneutics, not being an a priori imposition of a specific theological system on the text, seeks, through the use of all available tools, to explain the presupposed theology in the text under analysis. Therefore, we will analyze three dimensions of 1 Corinthians 10:31: 1. The linguistic-textual dimension (taking into account morphosyntax, rhetoric and the context of the passage in its discursive function); 2. The theological dimension (explaining the Pauline assumptions) and; 3. The practical dimension (discerning Paul's illocutionary acts in this passage).

Keywords: Glory. God. Paul. Hermeneutics. 1 Corinthians.

¹³³ Especialista em Teologia do Novo Testamento pela UniFil. Pós-graduando em Teologia do Antigo Testamento (UniFil) e em psicolinguística (Metropolitana). Licenciado em Letras (PUC-Campinas) e graduado em Teologia (Seminário Martin Bucer). Atualmente é professor da graduação e pós graduação no Seminário Jonathan Edwards e Pastor presidente da Igreja Batista Reformada em Indaiatuba, SP.

Introdução

“Portanto, seja comendo, seja bebendo, seja fazendo qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus” (1Co. 10.31, A21). As palavras de Paulo nesse versículo são de tirar o fôlego. Um ensinamento ético-teológico todo abrangente, que talvez seja conhecido por muitos, mas praticado por poucos. Entretanto, mesmo sendo um texto muito citado, a falta de teses e até mesmo artigos analisando-o é surpreendente. 1 Coríntios 10.31 é apenas analisado de passagem em análises mais amplas (como p. ex., 1Co. 8 - 10) ou em comentários (conferir bibliografia). O presente artigo busca preencher essa lacuna. Para isso, nossa metodologia seguirá a hermenêutica teológica (ou crítica teológica). A hermenêutica teológica não é uma imposição de um sistema teológica específico sobre um texto. Antes, essa crítica se vale de todas as ferramentas adequadas à análise, dialoga com toda a história da recepção do texto e explicita os pressupostos teológicos do autor (Cf. VANHOZER, 2005). Essa abordagem, além de ser não reducionista (holística), busca se encontrar com o Deus que se revela nas Escrituras. Portanto, faremos uma análise linguística, teológica e prática, para a compreensão da linguagem de Paulo, seus pressupostos teológicos e ação ilocucionária em 1Coríntios 10.31.

1. Análise linguístico-textual

1.1. Introdução

O evangelho é proeminente nas cartas de Paulo (JERVIS & RICHARDSON, 1994) e na sua primeira epístola aos Coríntios, ele traz o evangelho para lidar com os diversos problemas que estavam perturbando a unidade e a santidade daquela igreja (SCHEMM & KÖSTENBERGER, 2019): divisões (1.10), orgulho (1.29-31; 5.2), imoralidade sexual (5.1), litígio (6.1-11), depreciação da sexualidade humana (7.1-40), abusos das liberdades cristãs (8.1-13), idolatria (10.1-30), e impropriedades na adoração corporativa (11. 2-14.40).

1.2. Breve análise retórica

1 Coríntios 10.31 é retoricamente sofisticado (Cf. WATSON, 1989, p. 307). Primeiramente, toda a frase é eufônica, i.e., um som agradável é criado por uma

variedade de figuras de linguagem. Há também polissíndeto, ou um número excessivo de partículas conectadas, no uso triplo da conjunção *eite*. Há epífora ou *conversio*, que é a repetição da última palavra em frases sucessivas, pois cada membro da frase termina no verbo *poieite* (Cf. Ad Herennium 4.13.19). O uso repetido da forma verbal da segunda pessoa do plural em *esthiete*, *pinete* e *poieite* (duas vezes) constitui um homeoptoto, uma figura que ocorre "quando no mesmo período duas ou mais palavras aparecem no mesmo caso e com terminações semelhantes..." (Ad Herennium 4.20.28).

Em segundo lugar, Paulo torna o escopo de sua exortação abrangente, usando amplificação por acumulação; o acúmulo de palavras com o referente semelhante (cf. Ad Herennium 4.40.52-53). *Panta* na segunda parte é explicada por *esthiete*, *pinete* e *ti poieite* na primeira parte. Além disso, Collins (1999, p. 384) descreve os vv. 31-33 como tendo "o caráter de uma peroração (*peroratio*) em um apelo retórico deliberado". O argumento triplo resume os caps. 8-10. BDF (254) cita explicitamente εἶτε τι ποιεῖτε no v. 31 como um exemplo de reticências, onde "a omissão da noção 'outro...' é especificamente grega... (ἄλλο, 'qualquer outra coisa')". Claramente, Paulo acabou de observar que uma pessoa que compartilha comida ou bebida à mesa irá bendizer a Deus com ações de graças no coração por essas coisas boas (THISELTON, p. 793).

1.3. Análise textual

Nosso texto em análise (10.31) inicia-se com uma dupla conjunção. A força inicial de *οὐν* (oun, portanto) é de uma inferência lógica, ou seja, uma conjunção coordenada que resume uma discussão precedente. David Garland (2003, p. 627), percebendo essa nuance, argumenta que *οὐν* introduz uma inferência dos argumentos de Paulo em 10. 23-30, particularmente 10.26, mas 10.31 - 11.1 também resume seu conselho em toda a discussão de comida sacrificada aos ídolos (8. 1-10. 30).

A tripla repetição de *εἶτε* não dá apenas certo ritmo à frase como vimos acima, mas também cria uma corrente de conexão. Essa conjunção (traduzida como "quer", "ou", "se") funciona como um correlativo lógico, ou seja, ela estabelece a relação entre as orações. Resta-nos perguntar que tipo de relação Paulo estabelece aqui. Podemos inferir que *εἶτε-εἶτε-εἶτε* conecta a aplicação ético-doxológica de Paulo em uma relação de movimento do particular para o universal (como já percebera João

Crisóstomo (347 - 407 d.C)). Portanto, temos uma crescente cadeia lógica através dessa conjunção, movendo-se do comer e beber, para todas as atividades humanas.

Todas essas atividades devem ser feitas “para a glória de Deus”. Nesta epístola, Paulo usa a palavra *δόξα*, (glória), em seu sentido hebraico (tradução da LXX de כבוד (*kabod*)) como aquilo que torna algo impressionante, pesado ou radiante (1Co 15.40, 41, 43). O debate sobre o desenvolvimento e significado do termo “glória” nas Escrituras foge do presente limite e propósito (para um estudo completo do termo “glória” no Antigo Testamento e em Paulo, ver NEWMAN, 1992). Para um tratamento específico e útil ao texto aqui analisado (1Co. 10.31), será suficiente demonstrar que quando Paulo emprega uma construção sintagmática, na qual a preposição *εἰς* (para) é seguida da forma acusativa de *δόξα* (glória), que é seguida pela forma genitiva de *θεός* (Deus), *δόξα* sempre significa louvor nesses casos (como em Rm. 3.7; 15.7; 1Co. 10.31; 2Co. 4.15; Fl. 1.11; 2.11; cf. Rm. 4.20; cf. NEWMAN, 1992, p. 159).

Para Paulo, a glória de Deus atinge seu ápice na crucificação de Jesus (1Co. 2.8). "A vida de Jesus é uma doxologia viva... Ele revelou a glória de Deus em um mundo intoxicado pela sua própria (THISELTON, p. 794). Portanto, glorificar a Deus e imitar a Cristo são sinônimos para Paulo (por isso ele termina essa seção com a *Imitatio Christi* em 11.1).

1.4. Relações contextuais: uma análise discursiva

Karl Barth (1933, p. 41) reconheceu corretamente que este versículo (10.31) “é o objetivo desta seção”. A exortação de Paulo para fazer tudo (incluindo comer e beber) para a glória de Deus quando ele conclui sua seção sobre comida para ídolos é paralela à exortação para glorificar a Deus com nossos corpos na conclusão de sua seção sobre imoralidade sexual (cf. 6.20). Deus deve ser glorificado no mundo por meio de seu povo. A imoralidade sexual (caps. 5–6) e a idolatria (caps. 8–10) são a antítese da glorificação de Deus. Eles devem ser combatidos pela manifestação da pureza sexual cristã (cap. 7) e adoração que honra a Deus (cap. 11-14), que refletem a verdadeira sabedoria (cf. caps. 1-4) enquanto aguardamos o retorno do Filho de Deus ressurreto (cap. 15). Qualquer comportamento que prejudique a glória de Deus deve ser rejeitado em favor daqueles que a promovem. (CIAMPA & ROSNER, 2010, p. 495).

Do mesmo que em 6.12-20, Paulo em 10.23-11.1 inicia seu argumento em estilo diatríbico (Cf. AQUINO, 2010). Isso significa que Paulo usou slogans dos “fortes” (?) em Corinto para fazer seu contraponto:

Slogan: Todas as coisas são permitidas

Paulo: ...mas nem todas são proveitosas

Slogan: Todas as coisas são permitidas

Paulo: ...mas nem todas são edificantes. Ninguém busque seu próprio bem, e sim o dos outros (10. 23-24).

Assim como na primeira diatribe (6. 12-20) Paulo termina com um apelo para que os coríntios “glorificassem a Deus no corpo”, nessa diatribe (10.23-11.1), Paulo encerra com o imperativo para glorificar a Deus em todas as coisas (10.31; mostrando assim uma consistente e poderosa argumentação em sua construção literária).

Nessa seção diatríbica, portanto, Paulo declara a liberdade cristã. Entretanto, tal liberdade possui um critério fundante objetivo, residente fora da subjetividade dos Coríntios (e de todos nós). Esse critério-à-liberdade não é apenas objetivo, mas também histórico-apocalíptico (revelatório) - é a própria Glória de Deus. Conzelmann (1975, p. 179) afirma:

“...a declaração πάντα (tudo), tomada em si mesma, pode ser um clichê. Mas seu conteúdo é determinado na cláusula “quer, quer”, e é dado de forma concreta no v 32, no que diz respeito à conduta para com os “estranhos”, por um lado, e irmãos, por outro. No contexto, é uma declaração crítica. A regra no v. 32 também se torna compreensível e cumprida na comunidade, ou seja, no exercício da liberdade.

Não apenas 10.31-11.1 conclui toda a seção desde 8.1, com paralelos já em 6.12-20, mas também já antecipa o próximo tema de Paulo. Peter R. Schemm e Andreas J. Köstenberger (2019, p. 250) mostram em sua análise da passagem posterior (até 11.16) que a linguagem de glória e a imitação de Cristo antecipam o tema da vergonha e glória nas dinâmicas e distinções de gênero dentro da igreja.

2. Pressupostos teológicos

Faz parte da crítica teológica expor os pressupostos teológicos do autor/texto analisado. No caso de 1Co. 10.31, os pressupostos (evidentes pelo contexto) formam o fundamento implícito da possibilidade de obedecer ao imperativo de “fazer tudo para a glória de Deus”. Buscar a glória de Deus em todas as nuances da nossa vida implica um Deus que revela essa glória, uma estrutura de ser no ser-humano que seja criada para a glória de Deus e uma obra redentora escatológica que habilite o cristão e a comunidade de fé a de fato viver para a glória de Deus.

2.1. O pressuposto teológico: O Criador que se revela

Glorificar a Deus em todas as coisas contém em si mesmo um pressuposto apocalíptico, i.e., a revelação de Deus. Se Deus não se fizesse conhecido à humanidade, seria impossível glorificá-lo. Portanto, a teofania é fundante à ética paulina. Entretanto, para Paulo (particularmente em 1Co.), teofania é cristofania - a revelação salvífica de Deus se encontra de forma suprema e exclusiva em Cristo Jesus. Como em todos os demais escritos do Novo Testamento, tal revelação de Deus em Cristo possui reversões irônicas inesperadas. A sabedoria dos sábios é destruída e a inteligência dos inteligentes é anulada (1Co. 1. 19). Tal revelação é dada majoritariamente àquilo que é absurdo, fraco, insignificante, desprezado, em suma, àquilo (àqueles) que são considerados um nada (1. 27-29). A revelação de Cristo acontece pela obra do Espírito através do testemunho e pregação apostólica com base no Antigo Testamento (1Co. 2. 1-10).

Em linguagem teológica, glorificar a Deus é quando Ele mesmo se revela a nós em Cristo pelo Espírito nas Escrituras, e nós respondemos a essa revelação (glória) de forma apropriada (veremos algumas implicações disso no terceiro tópico).

Se nós temos que glorificar a Deus em todas as coisas, isso pressupõe que Deus se revela em todas as coisas. Por isso, Paulo não apenas pressupõe uma teologia da revelação, mas também uma teologia da criação. É necessário que haja uma estrutura criacional cósmica que seja projetada para glorificar a Deus. Em linguagem bíblica, a criação é muito boa (Gn. 1.31) e proclama a glória de Deus (Sl. 19.1). Não é de forma aleatória que Paulo cita o Salmo 24 no mesmo contexto da nossa passagem em análise (1Co. 10.26): “Do Senhor é a terra e a sua plenitude”. Paulo está dentro da sua antiga tradição judaica ao citar esse Salmo, pois ele era usado na tradição rabínica para ensinar a obrigação de agradecer a Deus pelos alimentos. Não deveria ser provada nenhuma comida sem que se pronuncie uma

benção sobre ela (t. Ber. 4.1; b. Ber. 3a; b. Shabb. 119a; cf. CIAMPA & ROSNER, 2014, p. 908). Não faremos uma análise completa desse Salmo em 1Co. 10.26, mas basta apontar o fato de, não apenas o contexto criacional (Sl. 24. 1-2) levou Paulo a essa citação, mas também o tema da santidade (Sl. 24. 3-6) e o triunfo do Rei da Glória (24. 7-10) são trazidos para o contexto de 1Co. 8.1 - 11.1.

2.2. O pressuposto antropológico: Imago Dei

O pressuposto antropológico de Paulo também é visto sob o prisma teológico. Não apenas “glorificar a Deus” demanda a auto-revelação de Deus, e uma criação apropriada a isso, mas também exige que o próprio ser humano seja criado para glorificar a Deus. Dentro do imenso debate sobre a Imago Dei na antropologia teológica, talvez tenhamos uma chave (ou pelo menos umas das) à compreensão desse tema. Para Paulo, existe uma ligação entre sermos criados à imagem de Deus e sermos criados para a glória de Deus. Em um contexto de idolatria parecido, Isaías 43.7 vincula a criação (de Israel) com a glória de Deus. Teologicamente, glorificar é refletir a glória de Deus como sua imagem e semelhança. É por isso que, quase que no mesmo fôlego (ou tinta na pena) que Paulo demanda a glorificação de Deus em todas as coisas, ele declara que o homem é “imagem e glória de Deus” (1Co. 11. 7).

2.3. O pressuposto soterio-escatológico: Imitatio Christi

Ainda que, originalmente, o ser humano fora criado à imagem de Deus, a queda corrompeu essa imagem (mas não a destruiu plenamente). Paulo associa o pecado com a carência da glória de Deus (Rm. 3.23), ou seja, o ser humano caído perdeu a capacidade de glorificar a Deus por si mesmo. Portanto, glorificar a Deus em todas as coisas se encontra em um contexto salvífico. É apenas em Cristo Jesus, vivendo na comunidade de fé, que é possível cumprir 1Co. 10.31. Além do mais, a glorificação de Deus em Cristo envolve um quadro escatológico. Se a glória de Deus se ausentou da experiência humana pela queda, o tema do retorno escatológico dessa glória é tema recorrente no AT (Is. 60; Hab. 2; etc.). A vi(n)da de Cristo marca o retorno escatológico da glória de Deus *in persona*. O fim dos tempos foi inaugurado (1Co. 10.11) pelo Senhor da glória crucificado (1Co. 2.8) e ressurreto (1Co. 15) e glorificar a Deus não ocasiona uma teosis (sermos iguais a Deus), mas em uma Cristosis (sermos parecidos com Cristo - 1Co. 11.1).

3. Implicações práticas (ou atos ilocucionários)

Infelizmente nosso espaço e propósito não nos permite apresentar uma homilia com diversas aplicações práticas no melhor estilo puritano. Entretanto, ainda podemos desbravar (brevemente) os atos ilocucionários de Paulo nessa passagem, ou seja, seus objetivos práticos intencionais sobre a igreja em Corinto.

3.1. Glorificar a Deus em todas as coisas implica em não fragmentar a nossa vida

A distinção entre “sagrado” e “secular” na vida do cristão não é bíblica. Essa foi uma das questões da reforma protestante. Pensar que o serviço na “igreja” agrada mais a Deus do que as atividades “fora” da igreja. Paulo intencionalmente não para ao demandar que os Coríntios glorificassem a Deus na questão do comer e do beber, antes, ele continua: “... quer façais qualquer outra coisa...”. O todo da vida do cristão deve ser uma adoração responsiva a Deus em Cristo.

3.2. Glorificar a Deus em todas as coisas é ser grato a Ele em tudo

Render glória a Deus não é algo especulativo ou abstrato. Glorificar a Deus se corporifica em atitudes concretas, entre as quais a gratidão é protagonista. No verso anterior (10.30), Paulo, no estilo de pergunta retórica, afirma que devemos participar com gratidão (em primeira pessoa - χάριτι μετέχω) das nossas refeições. Para isso, é necessário reconhecer pela fé em Cristo que tudo o que temos é um dom gratuito de Deus. Ambrosiastro (pseudo-Ambrósio), comentando 1Co. 10.31, igualou a glorificação de Deus no comer e no beber com as ações de graça antes das refeições (*Commentary on paul's epistles*)

3.3. Glorificar a Deus em todas as coisas implica em humildade cristomórfica

Diretamente associada com a gratidão está a humildade. Paulo inicia essa seção afirmando que o conhecimento presunçoso leva à arrogância (1Co. 8.1-2). O cristão deve levar seu irmão mais “fraco” em consideração, não sendo motivo de tropeço para ele (8.9). Glorificar a Deus é uma auto “*kenosis*”, um desviar da glória de nós mesmos para onde ela realmente pertence - para Deus.

Como vimos acima, existe nessa epístola uma inversão irônica dos padrões dos Coríntios. A sociedade greco-romana da época amava a “honra” (φιλοτιμία), enquanto os cristãos compartilhavam desonra (ἀτιμασθῆναι, Atos 5:41). “Vergonha” estava associada à perda de prestígio, à derrota e ao ridículo. No entanto, para os crentes, Paulo insistia que, “loucura, fraqueza e vergonha aos olhos humanos são sabedoria, força e honra aos olhos de Deus (1Co. 1.20, 25; THISELTON, p. 794)”. Como Paulo dirá em III 1, seguir este padrão cruciforme/cristomórfico é atribuir glória não a si mesmo, mas a Deus, neste contexto particular principalmente por refletir o próprio amor de Deus que deixou de lado a dignidade própria para o benefício do outro. Como bem colocou Thiselton (Ibid.): “trazer glória a Deus era exaltar a Cristo.”

“Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co. 11.1). Mas em que Paulo especificamente imitava a Cristo? O que ele está tentando modelar para a igreja de Corinto imitar? Em uma palavra, ele deseja que eles incorporem a humildade de Cristo em todos os aspectos da vida - incluindo servir ao próximo e a adoração a Deus. Adoração é nossa resposta humilde e grata ao que Deus fez por nós em Cristo. Portanto, nossos hábitos de adoração devem refletir uma humildade formada pelo evangelho. Paulo está chamando a igreja para comparar seus atuais hábitos de comunhão e adoração aos do próprio Jesus Cristo - à humilde personificação do evangelho por excelência.

3.4. Glorificar a Deus em todas as coisas é buscar o bem do nosso próximo

A recepção de 1Co. 10.31 na época da reforma protestante captura bem a relação de 10.31 com os versos 32-33 (“Não vos torneis motivo de tropeço nem para judeus, nem para gregos, nem à igreja de Deus, assim como em tudo eu também procuro agradar a todos. Pois não busco meu próprio bem, mas o de muitos, para que sejam salvos”). Jacques Lefèvre d’Étaples (1455 - 1536; *Commentariorum in Epistolas Beati Pauli... Liber Secundus*, 116v.), Wolfgang Musculus (1497 - 1563; *Comm. 1 Cor.*, 367-68) e Tilemann Hesshus (1527-1588; *Explicatio Prioris Epistolae ad Corinthios*, 162v) afirmaram que esse versículo (10.31) é o princípio central da vida cristã, visto que não existem regras para cada situação específica, a conduta cristã se vale desse princípio geral, que é evidenciado pela preocupação legítima com o bem do próximo. A recepção patrística também percebeu essa ligação. Clemente de Alexandria (150 - 215 d.C.) tratando sobre a bem-aventurança do martírio (*Stromata* 4.7 ANF 2.419), em uma seção carregada de citação de Paulo e

do vocabulário de “glória” e “vergonha”, ao citar 1Co. 26-31 também demonstra que glorificar a Deus se concretiza na edificação dos irmãos de consciência mais fraca. No final do século IV, Severiano de Gabala fez a mesma observação ao, i.e., devemos ser cuidadosos em nossas atitudes para que outros possam glorificar a Deus através de nós, ao invés de se escandalizarem conosco (Commentary from the greek church; Citado em BRAY, 1999, p. 139).

Thiselton (p. 793) afirma que Paulo acaba de elaborar um estudo de caso em que seria correto fazer algo distinto que diferencia uma pessoa da outra. Também aqui, ele explicou, isso não deve ser feito se for puramente determinado pela excessiva escrupulosidade dos “fracos” como uma preocupação autocontida. Somente se for para o bem-estar do outro, que constitui então um uso adequado da liberdade do evangelho (Cf. v. 30), algo diferente (em um caso como este) deve ser feito, ou seja, feito com a preocupação de viver o evangelho que atinge seu foco mais claro em Cristo exibindo a glória de Deus pelo fato de que Deus em Cristo age para o bem "do outro", "por quem Cristo morreu" (1.30-31; 2.7-8 ; 8.13).

Conclusão

Fazer “tudo para a glória de Deus” pode se tornar apenas um conceito vago e abstrato quando não (con)textualmente fundamentado. Nossa investigação buscou esclarecer, pela análise de 1Coríntios 10.31 em diálogo com sua recepção histórica, como essa verdade fundamental se traduz em nosso cotidiano. Em 1 Coríntios. 10.31-11.1, Paulo resume seu argumento de 1 Coríntios 8-10 delineando quatro imperativos que os 'fortes' deveriam estar fazendo: (1) glorificar a Deus em tudo o que fazem; (2) evitar ofender a todos; (3) agradar a todos com o objetivo de salvá-los (um claro eco de 9,19-23, que argumenta contra as teorias da 'partição'); e (4) se tornar imitadores de Paulo (PHUA, 2005, p. 196). Nossa interpretação teológica dessa passagem tentou mostrar os pressupostos teológicos paulinos bem como a força ilocucionária desse ato de fala. Glorificar a Deus, portanto, se corporifica em atitudes concretas de gratidão, humildade e cuidado com o próximo, para edificação da comunidade de fé que busca adorar e imitar o Messias, Jesus.

Referências

AQUINO, João Paulo Thomaz de. 1 Coríntios 6.12-20 e o estilo diatríbico. In. *FIDES REFORMATA XV, N° 1 (2010): 37-55.*

BARRETT, C. K., *The First Epistle to the Corinthians*. Black's New Testament Commentary (London: Continuum, 1968).

BARTH, Karl. *The resurrection of the dead*. Translated by H.J. Stenning. London: Hodder and Stoughton Limited, 1933.

BLASS, Friedrich, DEBRUNNER, Albert and FUNK, Robert W. *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: University of Chicago Press, 1961.

BRAY, Gerald (Ed.), *1–2 Corinthians*. (Ancient Christian commentary on Scripture. New Testament; 7) Press Downers Grove, Illinois: InterVarsity, 1999.

CHRYSOSTOM, John, “Homilies of St. John Chrysostom, Archbishop of Constantinople, on the First Epistle of St. Paul the Apostle to the Corinthians”. In *Saint Chrysostom: Homilies on the Epistles of Paul to the Corinthians*, org. Philip Schaff, trad. Hubert Kestell Cornish, John Medley, e Talbot B. Chambers, vol. 12, A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, First Series. New York: Christian Literature Company, 1889, 216.

CIAMPA, Roy E. & ROSNER, Brian S. 1Coríntios in: Beale, G. K. e Carson, D. A. (orgs.) *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. Trad. C. E. S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkones e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014.

CIAMPA, Roy E. & ROSNER, Brian S., *The First Letter to the Corinthians*. The Pillar New Testament Commentary. Grand Rapids, MI; Cambridge, U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 2010.

CLEMENT of Alexandria, “The Stromata, or Miscellanies”. In *Fathers of the Second Century: Hermas, Tatian, Athenagoras, Theophilus, and Clement of Alexandria*. (Entire), org. Alexander Roberts, James Donaldson, e A. Cleveland Coxe, vol. 2, The Ante-Nicene Fathers (Buffalo, NY: Christian Literature Company, 1885)

COLLINS, R. F., *First Corinthians*. SacPag 7. Collegeville, Minn: Glazier/Liturgical Press, 1999.

CONZELMANN, Hans, *1 Corinthians: a commentary on the First Epistle to the Corinthians*. Hermeneia—a Critical and Historical Commentary on the Bible. Philadelphia: Fortress Press, 1975.

FEE, G. D., *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.

GARLAND, David E. *1 Corinthians*. BECNT. Grand Rapids: Baker Academic, 2003.

JERVIS, L. Ann and RICHARDSON Peter, (Eds)., *Gospel in Paul: Studies on Corinthians, Galatians and Romans for Richard N. Longenecker*, JSNTSup 108. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1994

LUKASZEWSKI, Albert L., DUBIS, Mark, & BLAKLEY, J. Ted, *The Lexham Syntactic Greek New Testament*, SBL Edition: Expansions and Annotations (Bellingham, WA: Lexham Press, 2011);

NEWMAN, C., *Paul's Glory Christology: Tradition and Rhetoric*, NovTSup 69. Leiden: Brill, 1992.

PHUA, Richard Liong-Seng. *Idolatry and authority: A study of 1 Corinthians 8. 1-11.1 in the light of the Jewish Diaspora*. London: T&T Clark International, 2005

SCHEMM Peter R. and KÖSTENBERGER, Andreas J.. The Gospel as Interpretive Key to 1 Corinthians 10:31–11:16: On Christian Worship, Head Coverings, and the Trinity. *Themelios: An International Journal for Students of Theological and Religious Studies*. Volume 44, Issue 2, August 2019, pp. 250-257.

TAYLOR, Mark, *1 Corinthians*. org. E. Ray Clendenen, vol. 28, *The New American Commentary*. Nashville, TN: B&H Publishing Group, 2014.

THISELTON, Anthony C., *The First Epistle to the Corinthians: a commentary on the Greek text*. *New International Greek Testament Commentary* (Grand Rapids, MI: W.B. Eerdmans, 2000), 1120.

VANHOOZER, Kevin. What Is Theological Interpretation of the Bible? In: *Dictionary for theological interpretation of the Bible*. Ed. Kevin Vanhoozer. Grand Rapids: Baker Academic, 2005.

WATSON, Duane F. *1 Corinthians 10:23-11:1 in the Light of Greco-Roman Rhetoric: The Role of Rhetorical Questions*. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 108, No. 2 (Summer, 1989), pp. 301-318.

WITHERINGTON, B., *Conflict and Community in Corinth: A Socio-Rhetorical Commentary on 1 and 2 Corinthians* (Grand Rapids: Eerdmans, 1995).